



ENSINAR E APRENDER: UM ENCONTRO MARCANTE COM A DIFERENÇA - O PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA COMO POSSIBILITADOR DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Francielle da Silva Mendonça

(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

George Ivan da Silva Holanda

(Universidade Estadual de Goiás - UEG)

51

RESUMO

Introdução: Este relato de experiência foi desenvolvido no contexto do Programa Bolsa Pró-Licenciatura, durante o estágio supervisionado em Educação Física na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Itumbiara-GO. A experiência proporcionou contato direto com a educação especial, favorecendo uma formação docente sensível à diferença e à inclusão. **Objetivo:** Relatar e analisar uma experiência pedagógica com alunos com deficiências diversas, destacando os sentidos formativos do estágio e a relevância da atuação docente na promoção de práticas corporais acessíveis. **Materiais e Métodos:** As intervenções ocorreram entre março e maio de 2025, com aulas semanais de natação, psicomotricidade e dança, dirigidas a alunos da educação infantil até a Educação de Jovens e Adultos. As atividades foram planejadas com base em referências teóricas como Vygotsky, Le Boulch e Bondía, e mediadas por princípios de inclusão, escuta e adaptação. **Resultados:** A experiência evidenciou a importância do trabalho colaborativo, da mediação pedagógica e da construção de vínculos afetivos com os alunos. Houve desafios, especialmente nas aulas de natação, mas também avanços significativos na autonomia docente e na percepção crítica sobre a prática pedagógica. **Conclusão:** O estágio revelou-se espaço privilegiado para a articulação entre teoria e prática, favorecendo uma formação humanizada, ética e comprometida com as diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial; Estágio Supervisionado; Educação Física; Pedagogia da Experiência; Formação Docente Inclusiva

INTRODUÇÃO

A formação em Educação Física exige uma compreensão ampliada sobre o papel social da escola e o compromisso com a diversidade e com as diferenças. A atuação com pessoas com deficiência requer não apenas conhecimento técnico, mas também uma postura atenta às singularidades. Este relato apresenta uma experiência vivida por uma acadêmica-bolsista no estágio supervisionado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Itumbiara-GO.



Importa ressaltar que essa vivência foi potencializada em função da minha participação como bolsista do Programa Bolsa Pró-Licenciatura (PBP-L), instituído pela Resolução nº 579/2013, o qual tem como finalidade estimular o desempenho e a melhoria das capacidades pedagógicas dos discentes, possibilitar a articulação entre teoria e prática e fortalecer o Estágio Supervisionado como dimensão formativa central.

Nesse contexto, o estágio não foi vivido como uma simples obrigação curricular, mas como uma oportunidade formativa marcante e significativa. O contato direto com a educação especial, mediado pela prática da Educação Física, permitiu que a mediação docente se constituísse enquanto uma experiência no sentido atribuído por Bondía (2002, 2011), isto é, aquilo que nos toca, nos forma e nos transforma.

O ESTÁGIO COMO ESPAÇO DE ENCONTRO E APRENDIZAGEM

Entre março e maio de 2025, atuei como estagiária na APAE de Itumbiara, com intervenções em turmas que variavam da Educação Infantil à Educação de Jovens e Adultos (EJA), compostas por estudantes com deficiências intelectuais, motoras e múltiplas, síndromes e transtornos do espectro. As aulas de natação ocorriam às quartas-feiras, em espaço externo, e as de psicomotricidade e dança, às quintas-feiras, na quadra poliesportiva da instituição.

As práticas pedagógicas foram guiadas por uma concepção ampliada de corpo e movimento, referenciada por Le Boulch (1987), para quem o corpo é totalidade e expressão. A mediação docente foi orientada pela teoria histórico-cultural de Vygotsky (1997), sobretudo pela noção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que valoriza o papel das interações sociais no processo de aprendizagem. Além disso, as práticas corporais foram mediadas pela pedagogia da experiência (Holanda; Lasch; Dias, 2021), compreendendo o ensino como possibilidade de afetação, construção de sentido/significado e uma formação para além do gesto técnico.

A cada aula, buscávamos mais do que o desenvolvimento motor: o objetivo era promover relações significativas, socialização e construção de sentido com o movimento. As propostas foram planejadas com intencionalidade e adaptadas conforme as necessidades dos alunos, respeitando suas formas próprias de expressão.

VIVENCIAR A DIFERENÇA: ENTRE DESAFIOS E CONQUISTAS

Com base em Bondía (2002), consideramos que a experiência não é o acontecimento em si, mas a apropriação reflexiva do que se vive, a partir da sensibilização e da afetação. Os



acontecimentos vivenciados na APAE se tornaram experiências por nos provocarem uma “exposição” ao novo, modificando nosso olhar sobre a prática pedagógica e possibilitando a construção de sentidos e significados por meio das práticas corporais.

Essa perspectiva dialoga com os princípios defendidos pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) para o Estágio Supervisionado: uma formação humanizada, sensível às contradições do mundo do trabalho e aberta ao diálogo com as comunidades escolares (Goiás, 2023). Por meio do PBP-L, foi possível vivenciar a universidade como espaço formativo em conexão com a realidade, e compreender a docência como prática fundamental para a socialização de conhecimentos e a oferta de experiências marcantes.

53

O trabalho na educação especial exigiu constante reelaboração das estratégias pedagógicas. Percebi que planejar para a inclusão demanda evitar métodos e abordagens genéricas, reconhecendo os sujeitos em suas individualidades e subjetividades, e adaptando-nos às suas necessidades específicas. Essa compreensão se consolidou tanto pela prática quanto pelo diálogo com os colegas e professores da APAE.

Nas aulas de psicomotricidade, que jamais foi sistematizada ou pedagogizada de forma isolada, mas sim em diálogo constante com outras teorias e abordagens, como a ZDP e o uso de jogos e brincadeiras, tivemos autonomia para propor e conduzir atividades. A cada circuito adaptado, atividade lúdica ou dança coletiva, era possível perceber o envolvimento dos alunos em todo o processo. Nessas experiências, o movimento se tornava meio de expressão, troca afetiva e aprendizagem rica em sentido e significado.

Por outro lado, como contingência, nas aulas de natação, nem sempre foi possível aplicar os planos elaborados, pois a professora regente, visando preparar os alunos para uma competição, assumia a condução das atividades. Esse limite gerou desconforto, pois nos afastava do exercício docente e de uma vivência mais ampla da prática.

Apesar das restrições enfrentadas, a experiência revelou-se importante para compreender as dinâmicas da profissão docente e suas relações com o mundo do trabalho. Ainda assim, mantivemos nosso compromisso com a observação atenta e afetiva, o apoio aos alunos e a reflexão crítica sobre o processo de nossa formação, da qual participei ativamente como bolsista do PBP-L, inclusive analisando criticamente as intervenções realizadas por meus colegas.



A COLABORAÇÃO COMO POSSIBILIDADE FORMATIVA

A atuação na APAE ampliou minha compreensão da Educação Física como uma prática humanizadora e emancipadora, comprometida com a promoção da inclusão e do respeito às singularidades. Essa vivência mostrou-se essencial para a sensibilização dos alunos e, de modo particular, para minha formação como bolsista do PBP-L. Além disso, foi possível comprovar o papel transformador de políticas educacionais como o Programa Bolsa Pró-Licenciatura, que articula formação teórica e prática, reconhece o valor do saber da experiência e legitima o estágio como espaço privilegiado de formação docente.

Cabe destacar que a experiência com o estágio foi marcada pelo trabalho coletivo entre os estagiários, o que a diferenciou das demais vivências formativas que eu havia tido anteriormente no Estágio Supervisionado da UEG. Atuamos em cooperação desde o planejamento até a execução das aulas, dividindo responsabilidades e compartilhando impressões e sentimentos a cada intervenção. Essa parceria foi fundamental tanto para o andamento das atividades quanto para o fortalecimento do aprendizado mútuo, pois, enquanto ensinávamos, também aprendíamos.

O apoio entre colegas, a escuta atenta e o auxílio aos alunos com maiores dificuldades tornaram-se elementos estruturantes da nossa experiência educativa. Essa prática colaborativa concretizou um dos objetivos centrais do PBP-L, qual seja: estimular a práxis docente crítica e solidária, comprometida com a transformação da realidade educacional.

As rodas de conversa, os momentos de escuta dos alunos e os registros reflexivos, como a produção das avaliações individuais e a elaboração dos relatos de experiência, fortaleceram o vínculo entre prática e teoria. A Educação Física, nesse contexto, revelou-se como um campo propício aos atos de cuidado, afeto, criatividade, inclusão e respeito às diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência na APAE foi formativa em múltiplas dimensões. Ao trabalhar com alunos com deficiência, síndromes e transtornos do espectro, pude ampliar minha compreensão sobre o papel social da Educação Física e sobre o compromisso ético que essa área implica. Foi um processo que exigiu escuta, adaptação, “ex-posição”, abertura, estudos intensivos e, acima de tudo, presença.

O estágio não apenas confirmou o valor das práticas corporais como estratégias pedagógicas de inclusão, mas também evidenciou a importância das políticas de incentivo à



formação docente, como o PBP-L. Esse programa mostrou-se fundamental para que o estágio não fosse vivenciado como um simples protocolo, mas como uma experiência sensível, crítica e transformadora.

Encerrar essa etapa foi, para mim, um momento de grande emoção. No último dia, fomos surpreendidos por um gesto coletivo de agradecimento por parte dos alunos e professores. Entre falas, aplausos e presentes, percebi que aquele instante sintetizava tudo o que havíamos vivido: o encontro com a diferença como espaço de aprendizado. Aprendi que ensinar é, muitas vezes, ser ensinada. E que a formação docente é, antes de tudo, uma jornada de encontros e de experiências marcantes.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>. Acesso em: 01 jun. 2025.

GOIÁS. Universidade Estadual de Goiás. **Resolução n. 579 de 2013**. Bolsa Pró-Licenciatura. Anápolis, p. 1-6, mar. 2013.

GOIÁS. Universidade Estadual de Goiás. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Educação Física Dupla Formação (Bacharelado e Licenciatura Integrados)**. Anápolis, p. 1-211, 2023.

HOLANDA, George Ivan da Silva; LASCH, Jane Vanuza; DIAS, Rodrigo Francisco. O ensino do slackline na Educação Física escolar a partir da pedagogia da experiência de Bondía: uma experiência possível? **Revista Humanidades e Inovação**, Araguaína, v. 8, n. 54, p. 381-390, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3530>. Acesso em: 01 jun. 2025.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.